

UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE O CONSUMO DE INFORMAÇÕES POR JOVENS RURAIS NO BRASIL

A CRITICAL REFLECTION ON INFORMATION CONSUMPTION BY RURAL YOUTH IN BRAZIL

UNA REFLEXIÓN CRÍTICA SOBRE EL CONSUMO DE INFORMACIÓN DE LOS JÓVENES RURALES EN BRASIL

Carine Massierer

■ Jornalista, especialista em Marketing pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e assessora de Comunicação da Emater/RS-Ascar. Mestre em Comunicação e Informação e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS.

■ *Periodista, especialista en Marketing del Programa de Posgrado en Administración de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS) y asesora de comunicación en Emater/RS-Ascar. Máster en Comunicación e Información y candidata a doctora en el Programa de Posgrado en Comunicación de la UFRGS.*

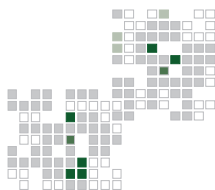
■ E-mail: cmassierer@yahoo.com.br

Ilza Maria Tourinho Girardi

■ Professora Titular aposentada na UFRGS. Professora Convidada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

■ *Profesora titular jubilada de la UFRGS. Profesora visitante en el Programa de Posgrado en Comunicación de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul.*

■ E-mail: ilza.girardi@ufrgs.br



RESUMO

Este texto parte de artigos publicados pela Compós e de levantamento da Emater/RS-Ascar para identificar o consumo de informações por jovens rurais. A análise mostra que o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm crescido e há coexistências de mídias tradicionais e novas. A contribuição de teóricos latinoamericanos da comunicação nos leva a refletir criticamente e a concluirmos que a midiatização impacta em como jovens se comunicam e revela hibridações, novas formações identitárias e fronteiras geográficas e simbólicas, reorientando os modos de leitura, percepção, linguagem, sociabilidade e produção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: JUVENTUDE RURAL; CONSUMO; MEDIATIZAÇÃO; HIBRIDISMO CULTURAL.

ABSTRACT

This text draws on articles published by Compós and a survey by Emater/RS-Ascar to identify the circulation and consumption of information by rural youth. The analysis shows that the use of Information and Communication Technologies (ICTs) has grown and that traditional and new media coexist. The contribution of Latin American communication theorists leads us to reflect critically and conclude that mediatization impacts how young people communicate and reveals hybridizations, new identity formations, and geographical and symbolic boundaries, reorienting modes of reading, perception, language, sociability, and knowledge production.

PALABRAS CLAVE: RURAL YOUTH; CONSUMPTION; MEDIATIZATION; CULTURAL HYBRIDITY.

RESUMEN

Este texto se basa en artículos publicados por Compós y una encuesta de Emater/RS-Ascar para identificar el consumo de información por la juventud rural. El análisis muestra que el uso de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) ha crecido y que los medios tradicionales y los nuevos coexisten. La contribución de teóricos de la comunicación latinoamericanos nos lleva a concluir que la mediatización impacta la forma en que los jóvenes se comunican y revela hibridaciones, nuevas formaciones de identidad y fronteras simbólicas, reorientando los modos de percepción, lenguaje, sociabilidad y producción de conocimiento.

KEYWORDS: JUVENTUD RURAL; CONSUMO; MEDIATIZACIÓN; HIBRIDACIÓN CULTURAL.



1. O rural e a evolução da comunicação

A Comunicação é formada por redes de sentidos construídos pelos sujeitos em interações sociais e que têm interfaces com relações de poder, práticas culturais e linguagens, que se modificam e ajustam diante das características de cada povo e região frente à entrada de novas tecnologias.

Este é o caso dos povos tradicionais e agricultores familiares do Rio Grande do Sul (RS/Brasil), que estão sendo influenciados não só pelas mudanças climáticas, mas também pelas modificações que estão ocorrendo na comunicação e no espaço onde vivem e se relacionam devido a ampliação do acesso à internet e o uso de redes sociais.

A evolução da comunicação no meio rural segue as modificações que foram ocorrendo nos serviços prestados pelas Instituições de Assistência Técnica e Extensão Rural, que iniciaram em 1948, em Minas Gerais, pela Associação de Crédito e Assistência Rural (Acar/MG). Durante mais de três décadas a comunicação esteve centrada na difusão de tecnologias para modernização da agricultura como forma de superação do subdesenvolvimento, e a extensão rural brasileira utilizou, como um de seus referenciais maiores, a abordagem teórica de Rogers (1995), que era centrada no difusionismo.

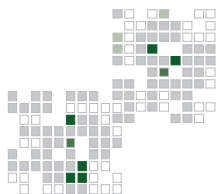
Ao final dos anos 1970 e mais fortemente nos anos 1980, com o início da redemocratização do país, os modelos adotados até então passam a ser questionados e surge o movimento extensionista conhecido como “repensar”, que reconhece que o difusionismo é calcado em uma relação comunicacional verticalizada, pois não valoriza o conhecimento popular, ignora o agricultor como sujeito capaz de construir a sua própria história. Diversos outros autores constatarem a necessidade de processos de natureza dialógico-participativa, como condição *sine qua non* para qualquer relação do extensionismo com o seu público compromisso.

Dentre os autores estão o educador brasileiro Paulo Freire (2013) e o argentino Cima-devilla (1993, p. 148), que afirma que a comunicação rural precisava ser vista não como resultado exclusivo de interesses econômicos e políticos hegemônicos, mas como resultado do amadurecimento do diálogo entre o extensionista consciente de seu papel social e do produtor/trabalhador rural como sujeito histórico da relação.

A comunicação rural rompe então, pelos anos 1990, com o paradigma de difusora de informações e de conhecimentos tecnológicos e passa a adotar uma nova postura interativa para permitir a geração do conhecimento pelo próprio homem rural no contexto da sua realidade concreta, como sugere Freire (2013), em sua obra *Extensão ou Comunicação?*

Assim como ele, Juan Diaz Bordenave (1983) acredita que o extensionista possa proporcionar mudanças a partir de ferramentas de construção participativa. “A Comunicação conscientiza a população, para participar, ativamente, nos processos de mudança social e de construção de uma sociedade democrática e participativa”, analisa o autor.

Essa mudança de posicionamento da comunicação também foi adotada no Rio Grande do Sul, a partir de 1999, com a nova missão da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do RS e da Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (Emater/RS-Ascar) de atender não só os agricultores familiares, mas também as comunidades tradicionais que vivem no meio rural como indígenas, quilombolas, assentados da reforma agrária e pescadores artesanais. A partir daí ocorreu o fortalecimento da comunicação construída de forma participativa com os assessorados, no campo, e os processos de divulgação institucional passaram a se adaptar as novidades trazidas pelas tecnologias de informação e comunicação (TICS).



Em síntese Rodrigues (1997) afirma que os três primeiros períodos da extensão rural foram denominados como humanismo assistencialista, difusionismo produtivista e humanismo crítico e caracterizados pelo autor quanto à orientação filosófica e ao modelo operacional predominantes durante o período de sua ocorrência. Para este autor, o Humanismo Assistencialista teria ocorrido de 1948 a 1962 e o Difusionismo de 1960-80, enquanto o Humanismo Crítico foi marcado pelo período de 1980-89. Já Silva e Medeiros (2015) acrescentam a esta linha histórica a Comunicação Participativa e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), que passaram a marcar a Assistência Técnica e Extensão Rural e Social (ATERS) a partir dos anos 1990.

E de fato, a cada ano, no Rio Grande do Sul, a Internet no meio rural ganha mais domicílios e o uso do celular para acesso às informações por parte dos agricultores passa a ser uma realidade. Ao mesmo tempo que as TICs chegam para auxiliar a ATERS, elas também representam um desafio uma vez que as ações de comunicação foram desenvolvidas historicamente com foco no presencial e na divulgação massiva.

O avanço das TICs foi fortemente acelerado pela pandemia de covid-19 e estão promovendo uma grande transformação na ATERS, segundo Darcie (2022, p.13). Esta nova forma de dialogar com os agricultores é denominada por ele de ATER digital. Mas ele ressalta que “o histórico caráter difusionista da extensão rural brasileira, que fomentou e consolidou a atual preponderante agricultura convencional, permanece presente na Ater digital” e que ela pode promover a exclusão social.

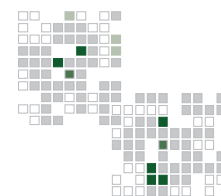
No Rio Grande do Sul o uso de TICs pela ATERS também foi ampliado a partir de 2020 em razão da pandemia e das constantes intempéries geradas pelas mudanças climáticas, como é o caso de estiagens prolongadas e ciclones registrados

ao longo dos últimos anos e a enchente que assolou o Estado em maio de 2024. As ações de comunicação desenvolvidas em ATERS vieram para ficar também em virtude da modificação das formas de informação e comunicação por quem vive no campo, inclusive os jovens rurais.

2. Os jovens rurais em uma caminhada intercultural

De acordo com Williams (1989), o contraste entre rural e urbano, como modos de vida fundamentais, tem origem na antiguidade clássica e cristalizou noções específicas para cada uma dessas realidades: o campo estaria ligado a uma forma natural de vida, que envolve a paz, a inocência e virtudes simples. Já à cidade estaria reservada a ideia de “centro de realizações – de saber, comunicações, luz” (Williams, 1989, p. 11). Associações negativas à cidade e ao campo também são relacionadas: “[...] a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação” (Williams, 1989, p.1 1). A chamada escola de Chicago estabeleceu critérios geográfico-espaciais para qualificar a experiência espacial dos indivíduos, e isso resultou em forte polarização entre o urbano e rural, ainda que a caracterização do urbano se produza a partir de sua heterogeneidade.

Mas com as novas ruralidades, como entendemos a identidade do jovem rural na pós-modernidade? García Canclini (1997, p. 28) afirma que as mudanças socioculturais que vêm ocorrendo promovem a “redefinição do senso de pertencimento e identidade”, onde, cada vez mais, o local ou nacional é superado por comunidades transnacionais ou desterritorializadas de consumidores. Já em outra obra (García Canclini, 2009, p. 174) o autor escreve que nós estamos em um espaço “sociocultural latino-americano, no qual coexistem muitas identidades e culturas”, também atravessadas pela midiaticização.



Como percebemos, a vida real proporciona múltiplos pertencimentos ao jovem urbano, mas também ao jovem rural que, aliada às experiências virtuais, faz com que a comunicação assuma outras nuances, envolvendo muitos aspectos subjetivos e fazendo com que as fronteiras espaciais não existam mais. Assim, para entender o que os jovens fazem com os algoritmos, como os usam e quais os sentidos gerados nessas interações, precisamos levar em conta os processos psicossociais. O perfil do consumo está sendo construído e, como ressalta García Canclini (2009, p. 184), não há meios de comunicação onipresentes nem audiências passivas, mas a “concentração monopolista e transnacional das indústrias de cultura e a fragilidade das associações de telespectadores e consumidores ainda deixam sem solução a questão da medida na qual o capitalismo das redes globalizadas nos permite ser sujeitos”.

Aqui se encontram pontos de imbricamento entre o local e o global, o online e o offline, o particular e o universal, pois os jovens não deixam de fazer suas atividades de trabalho na lavoura ou na propriedade, mas as associam ao uso do celular tanto para busca de informações como para fins estudantis ou tantas outras possibilidades que a internet propicia. É o que Martín Barbero identifica como parte e processo das mudanças comunicacionais e culturais do nosso tempo. (De Lopes, 2018, p. 59)

De Lopes (2018, p. 21) referencia Barbero ainda para explicar que a comunicação ocorre na interação que possibilita a interface de todos os sentidos, portanto, é uma intermediação, que é um conceito para pensar a hibridização das linguagens e dos meios, o que percebemos na forma de consumo afirmada pelos jovens.

Portanto, podemos perceber que as mídias digitais ocupam um lugar central na vida social e política, constituindo-se enquanto “um espaço de disputa que permite que as ações de organizações

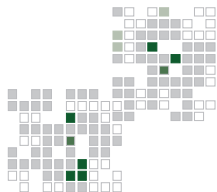
e grupos sociais sejam popularizadas, ampliadas e visibilizadas, demandando atenção especial de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento”, como analisa Brignol (2019, p. 197).

O que se percebe é que os sujeitos – jovens rurais – hoje desfrutam de um ambiente híbrido de socialização e de troca de informações. A comunicação por meio das mídias sociais passa por um condicionamento que vem da produção e da circulação, mas não dá para dizer que este consumo é heterogêneo. Estas novas formas de hibridação, conceito desenvolvido por García Canclini (2009), promovem novos entrecruzamentos, fusões, conflitos e contradições.

García Canclini (2009) assegura que mesclamos recursos tradicionais e modernos para atender às necessidades de saúde, comunicação local, nacional e global, inclusive para as tarefas mais tradicionais de cultivar a terra ou adaptar-se às cidades, fazer remessas de dinheiro e mensagens de um país a outro (p. 61). Assim, temos que nos prevenir do risco de acreditar que a modernidade só uniformiza, pois em cada grupo existem diferenças evidentes, inclusive nos jovens rurais.

Além disso, para Martín Barbero (2002, p. 48) estamos passando por uma transformação da dicotomia entre o rural e o urbano, o urbano não é mais visto como o contrário de rural. “Hoy esa dicotomía se está viendo disuelta no sólo en el discurso del análisis, sino también en la experiencia social misma por los procesos de desterritorialización e hibridaciones que ella atraviesa”. O urbano, então, não se identifica unicamente com o que diz respeito à cidade, mas também com o que permeia, com maior ou menor intensidade, o mundo do campo, pois é, conforme ressalta o autor, o urbano que insere o local no global, seja por ação da economia ou pelos meios de comunicação massivos.

Os jovens rurais, assim para estarem mais próximos da cidade e se sentirem incluídos



e integrados, também se utilizam das mídias sociais. Esta ferramenta também contribui para uma nova vivência do pertencimento e de uma nova forma de viver a identidade.

Martín Barbero (2002, p. 54) sinaliza a “intromissão dos meios massivos” na vida das famílias e como isto interfere na intimidade das pessoas. Aqui ele se refere a midiatização da vida na pós-modernidade (ainda que o conceito não seja trabalhado por ele de forma explícita) de tal maneira que o direito à privacidade se converteu em um dos mais importantes na hora de regular coletivamente os novos processos e as tecnologias de comunicação. Neste artigo, o autor destaca ainda que tudo isso leva as nossas sociedades a uma nova trama comunicativa, fruto da revolução tecnológica, que não é só tecnológica, mas que leva a novos modos de percepção e linguagem, a novas sensibilidades e escrituras e a um novo modo de relação entre os processos simbólicos.

Neste contexto, para compreendermos como os jovens rurais se informam e se comunicam, que é o objetivo deste artigo, tomamos por base o conceito de midiatização trilhado por Antônio Fausto Neto (Ferreira *et. al.*, 2018, p. 68), como sendo o que correspondente ao estágio atual da sociedade em que vivemos, caracterizado pela revolução que a internet promove em termos de acesso ao conhecimento, à cultura e às instituições.

3. As novas tecnologias e o consumo por parte dos jovens rurais

O ponto de partida para entendermos como os jovens se informam e comunicam é o levantamento feito em 2025 pela Emater/RS-Ascar, junto a 36 jovens rurais da região metropolitana de Porto Alegre, Vale dos Sinos e Centro-Sul/RS. Ao responder ao questionário, eles afirmaram que acessam informações por meio dos *smartphones* e que as redes que mais usam para se informar são o Whatsapp, Instagram, Facebook, Tiktok,

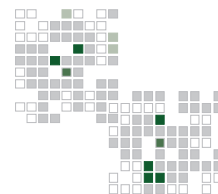
Youtube. Quando perguntamos qual o meio de comunicação em que eles acessam as informações, 16 dizem que é pela televisão local, juntamente com as redes sociais, sites especializados e grupos de WhatsApp.

Do total de respondentes da pesquisa, apenas seis mencionaram o rádio como a ferramenta. Isso mostra a importância que as redes sociais passaram a ter na rotina diária das pessoas e que os jovens, independentemente de morar na cidade ou no meio rural, as utilizam para estarem informados e se comunicarem.

O mais interessante é que muitos jovens se utilizam de várias fontes de informação ao mesmo tempo, mas não necessariamente vivem nas mesmas cidades e tem o mesmo perfil socioeconômico e cultural, aponta o estudo. Como afirma García Canclini (1984), “En esta compleja interacción, ni las clases ni los objetos en los medios ni los espacios sociales tienen lugares substancialmente fijados, de una vez para siempre”.

Mas como será que outros estudos que têm como objeto os jovens rurais brasileiros percebem a ressignificação das mensagens ao serem apropriadas por eles? Para não ficarmos restritos aos resultados do levantamento feito pela Emater/RS-Ascar, ampliamos a análise para verificarmos se as interações frente as novas tecnologias também são complexas para jovens rurais abordados em pesquisas publicadas pela Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) no período de 2000 a 2025. Na Compós, o tema rural se torna objeto de artigos a partir do ano de 2015, quando alguns pesquisadores se voltam ao meio rural para entender como os sujeitos que vivem neste espaço estão sendo afetados pelas TICs.

A pesquisa publicada em 2015 tem como título “Jovens e interação comunicativa na Amazônia paraense: entre o rural e o urbano” e busca entender como as práticas culturais desses jovens agenciam e são agenciadas pela tecnologia e como



ela reorganiza a sua percepção espaço-temporal em relação à experiência social tradicional do espaço no qual eles se inserem.

Já em 2017 foi divulgado pela Compós o artigo “Os usos do celular no rural brasileiro contemporâneo: jovens e novas formas de sociabilidade”. O texto se origina da pesquisa que investiga os sujeitos nas suas relações tanto com a mídia tradicional – jornal e revistas, rádio e televisão –, quanto à nova mídia – o telefone celular, o computador e internet, num contexto de novas ruralidades. O estudo compreende o uso de celular por dez jovens rurais, de 14 a 25 anos, moradores de Vale do Sol (RS), que apresentam diversidade de ocupações profissionais e de usos do celular, com certa homogeneidade nas práticas e nas significações dessa mídia enquanto grupo, com destaque para o estabelecimento de novas formas de sociabilidade mediadas por essa tecnologia. A categoria analítica é a juventude rural e o recorte teórico-metodológico segue autores como Hall, Canclini, Couldry (2010), Morley (2008), dentre outros que se situam na linha dos estudos culturais e de consumo.

Além desta pesquisa sobre juventude, outro texto de 2019 aborda o tema: “As TICs no cotidiano de famílias agricultoras: apropriações e incorporações no meio rural contemporâneo”. O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa empírica sobre as apropriações e incorporações das tecnologias por famílias agricultoras de tabaco no meio rural contemporâneo. Com abordagem socioantropológica, foram realizadas entrevistas, formulários, observações e registros fotográficos. O estudo identificou obstáculos ao uso das TICs, como dificuldades de sinal, custos e questões simbólicas, como fobia às novas tecnologias. Apesar disso, o acesso às TICs tem crescido e há a coexistência de tecnologias tradicionais, como rádio e TV, com novas mídias, como celular e internet, adaptadas às rotinas de trabalho e lazer. Além disso, as TICs influenciam

as dinâmicas familiares, promovendo tanto sociabilidade quanto isolamento, dependendo do contexto.

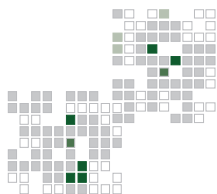
É o que Cimadevilla (2012) chama de período de vivência marcado pelas hibridações, ou seja, estamos vivendo em uma sociedade na qual abundam as informações e as combinações possíveis, devido ao uso intensivo das TICs.

Portanto, os jovens rurais entrevistados pela Emater/RS-Ascar e os presentes nos artigos da Compós sinalizam outras possibilidades de usos das informações na internet e das mídias sociais em seu cotidiano, e os sentidos que as mensagens adquirem também são diversos e dependem dos laços sociais, das amarrações e das hibridações que envolvem os seus contextos. “La sociedad en red no es un puro fenómeno de conexiones tecnológicas, sino la disyunción sistémica de lo global y lo local mediante la fractura de sus marcos temporales de experiencia y poder”, afirma Martín Barbero (2002, p.58).

Na contrapartida, percebemos que o individualismo, cada vez mais reforçado entre os jovens, também faz com que ocorram modificações profundas nos sentidos da coletividade e o reconhecimento social deles, que antes se dava na esfera pública, agora se dá em negociação a partir da validação dos outros por meio das mídias sociais.

4. Uma reflexão crítica sobre consumo midiático

É inegável a importância das redes na sociedade contemporânea, mas para Martín Barbero (2001) elas não são “a grande mediadora” entre as pessoas e o mundo, pois apenas contribuem de forma intensa e acelerada para transformar a sociedade em mercadoria, impactando as fronteiras geográficas e simbólicas e reorientando os modos de leitura, de percepção, linguagem, sociabilidade e produção do conhecimento.



Couldry (2012) também ressalta outras mudanças sociais que estão ocorrendo em torno da mídia, como a necessidade das pessoas se manterem sempre em contato virtual, de estarem presentes publicamente, de selecionarem e filtrarem e de dependerem de atenção e desatenção seletiva dos outros.

A globalização tecnológica passou a interconectar simultaneamente quase todo o planeta, mas também cria novas diferenças e desigualdades, sinalizadas por García Canclini (2009, p. 216): “A midiatização afasta, esfria, e, ao mesmo tempo, a interconectividade proporciona sensações de proximidade e simultaneidade”.

O pesquisador aponta que temos uma abundância inesgotável de informação e entretenimento e acesso a fragmentos numa ordem pouco sistemática ou francamente casual, mas que a conectividade global é ilusória. Como implicações, acentuam-se nos jovens a fragmentação e a descontinuidade, ou seja, existem consequências nos campos materiais e simbólicos.

A nossa preocupação, justamente é entender se os jovens estão excluídos ou não do acesso às redes de comunicação neste mundo fragilizado sob vários aspectos, uma vez que o desejo de consumo no capitalismo reflete no empoderamento e na sensação de pertencimento dos jovens. Até esta parte do caminho, não sabemos com qual grupo social se identificam, até que ponto têm suas identidades e relações moldadas pela mídia e se isso é consciente ou não. Embora a produção e o capital estejam globalizados, o conteúdo da mídia se adapta a cultura local e à diversidade de audiências fragmentadas, ou melhor, o local influencia o global e o global influencia o local, de modo que a identificação dos jovens com o território, com a classe e a formação de sua identidade se altere.

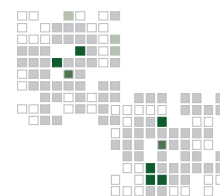
É o princípio da diferenciação que permite reengendrar teoricamente o espaço social empiricamente observado. Não temos como supor que o princípio de diferenciação vai ser

o mesmo em qualquer tempo e em qualquer lugar, o que é o caso do entendimento do que é um jovem rural como aquele que estaria alijado dos processos de educação, de comunicação e vivência, sendo em termos de classe social, relegado ao papel de um colono excluído e sem os mesmos acessos que o jovem da cidade. “En cada caso ha de construir y descubrir (más allá de la oposición entre el construccionismo y el realismo) el principio de diferenciación que permite reengendrar teóricamente el espacio social empíricamente observado. (Bordieu, 2011, p. 48). E é isso que observamos no levantamento feito pela Emater/RS-Ascar e nos artigos da Compós: que os jovens rurais estão tendo a possibilidade de estar globalmente informados com a internet chegando no campo.

A reflexão teórica proporciona o entendimento de como a mídia, que está presente na nossa comunicação diária, aproxima os jovens rurais, media as relações, ao mesmo tempo, é espaço de consumo de informações, de aproximações e distanciamentos. Em algumas vezes promove o pertencimento, mas gera diferenças. Este hibridismo pode não ser suficiente para garantir a democracia, mas estar neste território enquanto pesquisadores permite compreender como os jovens estão se informando atualmente, se utilizam a mídia convencional como televisão, rádio e jornal ou se isso ocorre somente pelas redes sociais e se há de fato interação ou as relações se limitam ao consumo.

O fato de 36 jovens rurais do RS já manifestarem que o acesso deles à informação se dá pelos smartphones e redes sociais mostra que eles fazem parte do processo de midiatização. Assim, eles podem estar no espaço rural, mas seus conhecimentos, suas relações e suas vivências não estão circunscritos somente a este ambiente.

A distinção aí pode fazer com que o poder que ele passa a ter na condição de estar conectado



o diferencie de outros jovens rurais, mas, sobretudo, que ele esteja em pé de igualdade com os jovens urbanos.

Este conceito de Distinção de Bordieu (2008), quando em relação com o que acontece com os jovens rurais, consegue trazer mais subsídios para entender o consumo do que a noção de poder simbólico, que é uma teoria que serve mais para analisar as relações sociais e a maneira como a dominação se manifesta. Isso porque, com a mídiatização os jovens passaram a ter o mesmo acesso vivendo na cidade ou no rural, não estando a identidade deles e suas experiências sendo desvalorizadas em comparação com quem vive na cidade. E com os acessos aos mesmos meios que o jovem urbano ele também passa a ser reconhecido como um jovem “moderno” e que está “por dentro do que acontece”.

Assim, a identidade do jovem rural passa por modificações que não são restritas ao seu espaço de vivência, como ocorria até os anos 2000 onde as experiências, as regras, valores e práticas ficavam circunscritos à área rural o que poderia gerar uma dominação simbólica ou uma identidade inferior ou menos valorizada em relação ao sujeito que vive no urbano.

As nossas bases sólidas de entendimento da nossa posição enquanto indivíduo social se transformou e estamos passando pela modificação de nossas identidades pessoais. Quer dizer que tanto os jovens quanto nós todos estamos vivendo a multiplicação de referentes desde o como nos entendemos enquanto sujeitos como vivemos nossas múltiplas identidades.

E toda a nossa vida hoje é intermediada pelas redes sociodigitais que não são neutras, como García Canclini (2021) nos chama a atenção. Assim como nossa intenção é entender de que forma as redes sociodigitais reconfiguram o significado do convívio e das interações dos jovens rurais, o autor também tem a juventude como um dos seus objetos de estudo em *Cidadãos Substituídos por Algoritmos*. No livro ele destina

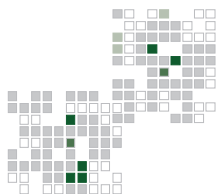
um capítulo para debater as etnografias de grupos e comunidades que revelam tendências e os efeitos das crises socioeconômicas e das culturas digitais nos modos como elaboram subjetivamente as mudanças.

Canclini se concentra nos jovens, pois acredita que eles revelam as desigualdades e o quanto se pode ser ou não cidadão na pós modernidade. “Porém, ser espectadores ativos ou usuários prosumidores não é sinônimo de ser cidadãos” (García Canclini, 2021, p.57). O autor chama de prosumidores aqueles que são simultaneamente produtores e consumidores em redes sociais e recupera ainda historicamente a passagem dos cidadãos midiáticos para os cidadãos monitoriais, que são simultaneamente monitores e *voyeurs*. Segundo ele somos monitorados tanto pelos meios de comunicação quanto pelas redes sociodigitais.

Além disso, os algoritmos e aplicativos vão mudando o significado conforme variam seus usos, as suas derivações que acontecem por mudanças tecnológicas e pelas suas posições na interação social. Ou seja, para ele os conceitos vão se refazendo nas práticas ordinárias e o que lhe interessa é discernir o quanto eles incluem, excluem ou domesticam os sujeitos.

Outro ponto ressaltado pelo autor é que a comunicação leva ao sujeito a informação e o lazer, fazendo com que ele se desterritorialize e se afaste da esfera pública. É o que ele chama de uma das mutações mais recentes: a administração midiática do público. Os meios acabaram por se apoderar do lugar de intermediação e deliberação social (p. 64, 65) e estamos vivendo em uma governamentalidade algorítmica.

Canclini acredita que as culturas jovens (2021, p. 70) “opõem-se aos riscos de governamentalidade algorítmica ao prestar menos atenção nos dados do que nas relações e, ao mesmo tempo, sentem-se atraídos por aquilo que subjetiva e personaliza”. Por isso



ele se ocupa em estudar algumas mobilizações protagonizadas por jovens, pois acredita que eles chacoalham as estruturas e imaginam usos não habituais das comunicações ou dos espaços públicos que suscitem um encanto singular. Um dos movimentos discutidos por ele é o Yo Soy132, que teve a adesão de estudantes de universidades públicas e privadas do México e conseguiu transcender a virtualidade das redes em assembleias presenciais e passeatas. Neste cenário tecnológico, os jovens não estão em uma posição subalterna e os objetos e as informações são reutilizados com finalidades diferentes, são ressignificados para serem colocados em outro código ou para obterem flexibilidade e circularem assim por vários códigos.

Conforme Brignol (2019, p. 206) os jovens podem oferecer a chave para a compreensão das mudanças pelas quais a sociedade está passando, especialmente no que diz respeito à descentralização das formas de conhecer e à emergência de novas sensorialidades.

Por isso torna-se tão importante refletir teórica e metodologicamente como as informações chegam aos jovens rurais, as relações de poder que incidem sobre os usos e a ressignificação das mensagens ao serem apropriadas por eles em suas relações sociais e com as TICs e na construção de novas identidades e narrativas.

Nos estudos que serviram de base para este artigo, os jovens sinalizam caminhos

híbridos de uma comunicação para os novos tempos que pode ser, em alguns momentos, mera transmissão de informações. Mesmo com tanta tecnologia, seguimos com o alerta feito por Bordenave em outros tempos: de que a comunicação precisa ir além da mera transmissão de informações e ser percebida como um processo para despertar a consciência crítica da população, capacitando-a a participar ativamente das decisões que afetam suas vidas e seu desenvolvimento.

Embora a discussão sobre TICs tenha evoluído, a base teórica de Bordenave sustenta que essas ferramentas devem ser utilizadas para suprir a demanda dos jovens por informação, alterar relações sociais e auxiliar na construção do conhecimento de forma participativa, e não apenas para difundir conteúdo de forma passiva.

A comunicação deve empoderá-los e auxiliá-los a desencadear processos que possibilitem compreender a centralidade da agricultura na produção de alimentos saudáveis que permitam a reprodução da vida de forma sustentável.

Para os jovens, isso implica a valorização de suas perspectivas e o reconhecimento de seu papel como agentes de mudança e inovação no campo, contribuindo para uma sociedade mais justa, humana e participativa.

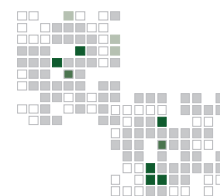
Referências

Bordenave, J. E. D. (1983). *O que é Comunicação Rural?* São Paulo, Editora Brasiliense.

Cimadevilla, G.; Severina, E. (1993). Privatización o estatismo – Coyuntura actual y crisis en la extensión rural. In: *Comunicación Rural – discurso e prática*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa (UFV). Disponível em: 0387428ead1c1a79ac42cb40d1488e1f.pdf (intercom.org.br) Acesso em: 20 set. 2025.

Cimadevilla, G. (2012). Breve histórico da pesquisa em comunicação para o desenvolvimento. In: Heberlé, A.; Cosenza, B.; Soares, F. B. (org.). *Comunicação para o desenvolvimento*. Brasília: Embrapa.

Brignol, Liliane; Cogo, Denise; Martínez, Silvia L. Redes: Dimensión epistemológica y mediación constitutiva de las mutaciones comunicacionales y culturales de nuestro tiempo. (2019). IN: Rincón, O.; Jacks, N.; Schmitz, D.; Wotrich, L. *Un nuevo mapa para investigar las mutaciones culturales*. Quito: CIESPAL, p. 187-214.



- Bourdieu, Pierre. (2008). *A distinção*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk.
- Bourdieu, Pierre. (2011). *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus.
- Castro, Fábio Fonseca de et al. (2015). Jovens e interação comunicativa na Amazônia paraense: entre o rural e o urbano. *Anais do XXIV Encontro Anual da Compós*, São Paulo, Brasil.
- Couldry, Nick. (2012). *Media, Society, world*. Cambridge: Polity.
- Darcie, C.; Zuin, L.F.S. (2022). *Veredas digitais nos territórios rurais: o uso das novas tecnologias de informação e comunicação na Ater brasileira*. 1. ed. São Carlos: Pedro & João Editores. v. 1. 146p.
- Lopes, Maria Immacolata Vassalo de. (2018). *A teoria barberiana da comunicação*. Matrizes, vol. 12, núm. 1, pp. 39-63. Universidade de São Paulo, Brasil.
- Felippi, Â., & Escosteguy, A. C. (2017). Os usos do celular no rural brasileiro contemporâneo: jovens e novas formas de sociabilidade. *Anais do XXVI Encontro Anual da Compós*, São Paulo, Brasil.
- Ferreira, Jairo et al. (2018). *Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a mediação? Onde está a mediação?* FACOS-UFSM.
- Freire, P. (2013). *Extensão ou comunicação?* Editora: Paz e Terra. Rio de Janeiro. 16ª edição.
- Canclini, García Nestor. (1984). Cultura y organización popular: Gramsci con Bourdieu. *Cuadernos Políticos*, número 38, pp.75-82, enero-marzo.
- Canclini, García Néstor. (1997). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- Canclini, García Néstor. (2009). *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Canclini, García Néstor. (2021). *Cidadãos substituídos por algoritmos*. São Paulo: EDUSP.
- Martín-Barbero, Jesús. (2001). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Martín-Barbero, Jesús. (2002). Desencuentros de la socialidad y encantamientos de la identidad. *Anàlisi*, 29, p. 45-62.
- Rodrigues, C. M. (1997). *Conceito de seletividade de políticas públicas e sua aplicação no contexto da política de extensão rural no Brasil*. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v.14, n.1, p.113-154.
- Rogers, E. M. (1995). *Diffusion of innovations*. 4th ed. New York: Free Press.
- Sifuentes, Lírian; Ribas, João Vicente; Bianchini, Aline. (2019). As TICs no cotidiano de famílias agricultoras: apropriações e incorporações no meio rural contemporâneo. *Anais do XXVIII Encontro Anual da Compós*, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Silva, Nayra Grazielle; Medeiros, Liziany Müller. (2015). Comunicação rural: evolução x potencialidades. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*, p. 121-128.
- Williams, Raymond. (1989). *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. Trad. Paulo Henriques Britto. Companhia das Letras. São Paulo.

Artigo enviado em 07/12/2025 e aceito em 11/02/2026.

